

VERSOS A CORINA*

Tacendo il nome di questa gentilissima.

DANTE¹

I²

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
Numa hora de amor, de ternura e desejo,
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor, →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CM (n. 80, p. 2, 21 mar. 1864 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte; n. 85, p. 2, 26 mar. 1864 – apenas a parte II, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte; n. 91, p. 2, 2 abr. 1864 – apenas a parte III, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte), DRJ (ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864 – apenas a parte IV, sob o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedade.”, sem indicação numérica da parte e sem epígrafe; ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864 – apenas a parte V, sob o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedade.”, sem indicação numérica da parte, com epígrafe), RCPB (v. V, p. 256-258, ago. 1864 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina”, sem indicação numérica da parte), CRIS1864 (p. 123-154), BP (ano II, n. 46, p. 346, 16 dez. 1900 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina”), PC1901 (p. 30-49), PC1937 (p. 36-51), PC1953 (p. 36-51), OCA1959 (v. III, p. 23-33), PCEC1976 (p. 155-171), OCA1994 (v. III, p. 28-37), TPCL (p. 72-85), PCRR (p. 50-63) e OCA2015 (v. 3, p. 397-408). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Na primeira edição em livro (CRIS1864), o poeta pôs, ao final do volume (p. 172) esta nota sobre as diversas partes de “Versos a Corina”: “VERSOS A CORINA. – Pág 123. // As três primeiras partes desta coleção foram publicadas sob o anônimo nas colunas do *Correio Mercantil*; a quarta e quinta saíram no *Diário do Rio*, sendo esta última assinada. A sexta é inteiramente inédita.” Sobre o ineditismo da última parte, ver nota 158 à parte VI do poema.

¹ Em CRIS1864, o título do poema vem em frontispício divisório (p. 123), com estes dizeres: “VERSOS A CORINA / ——— / Tacendo il nome di questa gentilissima. / ——— / DANTE. / (1864).” As palavras tomadas para epígrafe são de um trecho em prosa da *Vita nuova*, de Dante Alighieri (1265-1321). Em CM, não há epígrafe. Em RCPB, sob o título, vem esta epígrafe: “Car la beauté tue / Qui l’a vue, / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (o nome do poeta vem grafado “A. BRIZEUX”). Em BP os versos vêm em duas colunas; no alto da coluna da direita vem assim a epígrafe: “Car la beauté tue / Qui l’a vue / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (nesta epígrafe vem “Par” no lugar de “Car”, e o nome do poeta vem grafado “BRIZEUX”); no alto da coluna da esquerda, antes dos versos, vem um retrato do autor, com a legenda: “MACHADO D’ASSIS”. Em CRIS1864, na parte I do poema, entre o número e o primeiro verso, a epígrafe vem assim: “Car la beauté tue / Qui l’a vue, / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (o nome do poeta vem grafado “A. BRIZEUX”). Os versos são do poema “A Diana”, de Auguste Brizeux (1860, p. 157) (1803-1858) – escritor francês de origem bretã, que se dedicou principalmente à poesia, traduziu para o francês (em terças-rimas) a *Divina comédia*, e foi membro da Academia Francesa.

² Em CM, em RCPB e em BP, não há o número I.

- 5 Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;³
Depois, depois vestindo a forma peregrina,
Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!⁴
- 10 De um júbilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude,⁵
De uma vida melhor e nova juventude.
- 15 Minh'alma⁶ adivinhou a origem do teu ser;
Quis cantar e sentir; quis amar e viver;
À luz⁷ que de ti vinha, ardente,⁸ viva, pura,
Palpitou, reviveu a pobre criatura;
Do amor grande, elevado,⁹ abriram-se-lhe as fontes;¹⁰
Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes;
Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;¹¹
Era o dia marcado à minha redenção.¹²
- 20 Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
Corpo de fascinar, alma de querubim;¹³ →

³ Alexandrino curioso (em Machado de Assis): tem acento em todas as sílabas pares (inclusive na sexta), e, pelo sentido, os acentos mais importantes recaem na quarta, na oitava e na décima segunda – o que o torna um verso trimembre. Essa forma tripartida do verso é conhecida como alexandrino romântico.

⁴ Em CM, as estrofes são separadas por três asteriscos, em forma de triângulo (* * *).

⁵ bronca e rude,] bronca e rude – em CM; branca e rude – em RCPB e em BP.

⁶ Minh'alma] Minha alma – em CM, em RCPB e em BP.

⁷ À luz] A luz – em PC1901, em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. É dificuldade notável a questão da presença ou ausência de crase no início deste verso. Havia crase nas duas primeiras publicações do poema, no *Correio Mercantil* (1864) e em *Crisálidas* (1864). O sinal de crase desapareceu na edição das *Poesias completas* (1901). O poeta não corrigiu o verso na errata; e sabemos serem suas erratas muito incompletas. Sabemos, também, que na edição de 1901 o poeta optou por uma versão mais arcaizante no verso n. 25 de “Musa consolatrix”, em que substituiu o verbo “ter” por “haver” (com o sentido de “ter”). Se o poeta tivesse optado pela ausência de crase, teríamos nos dois versos um sabor igualmente arcaizante: “A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura, / Palpitou, reviveu a pobre criatura;” – neste caso, os verbos “palpitar” e “reviver” teriam os sentidos de “fazer palpitar” e “fazer reviver”, e a expressão “A luz” seria o sujeito do período; se, alternativamente, houvesse optado pela crase, teríamos um período de sabor mais moderno, de mais fácil compreensão, em que “a pobre criatura” assumiria a função de sujeito. Assim, a situação que se desenha é esta: ou há crase, caso em que teria havido falha tipográfica na edição de 1901; ou não há crase, porque o poeta teria preferido uma estrutura mais complexa. Optamos, nesta nossa edição, pela primeira possibilidade – afinal, os erros tipográficos (não corrigidos na errata) são relativamente frequentes na edição de 1901.

⁸ vinha, ardente,] vinha ardente, – em CM.

⁹ grande, elevado,] grande elevado – em OCA1994.

¹⁰ fontes;] fontes, – em CM, em RCPB e em BP.

¹¹ região;] religião; – em BP.

¹² Em PC1901, em PC1937 em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de divisão de estrofes. Há esse espaço em CM e em CRIS1864. A lógica dos versos pede essa divisão; tudo somado (ver nota 13), optamos por adotá-la nesta edição (como, aliás, o fizeram os editores de PCEC1976).

¹³ querubim;] querubim – em TPCL. Em PC1901, há espaço de divisão de estrofes depois deste verso. Tudo indica erro tipográfico nessa edição; o espaço de divisão de estrofes anterior foi deslocado para depois deste verso. Em PC1937 e em PC1953, o verso seguinte vem em alto de página.

Era assim:¹⁴ frente altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo e ufano,¹⁵
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e bela como Helena!¹⁶
25 Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!¹⁷

Neste fundo sentir, nesta fascinação,¹⁸
Que pede do poeta o amante coração?¹⁹
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor,
30 De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

Viver, – fundir²⁰ a existência
Em um ósculo de amor,
Fazer de ambas – uma essência,
Apagar outras lembranças,
35 Perder outras ilusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças
De que a única²¹ ventura
Não reside em outra vida,²²
40 Não vem²³ de outra criatura;
Confundir olhos nos olhos,²⁴
Unir um seio a outro seio,²⁵
Derramar as mesmas lágrimas
E tremer do mesmo enleio,
45 Ter o mesmo coração,²⁶
Viver um do outro viver...²⁷
Tal era a minha ambição.²⁸

¹⁴ Era assim:] Era assim, – em BP.

¹⁵ meigo e ufano,] meigo, ufano, – em CM, em RCPB e em BP.

¹⁶ e bela como Helena!] e belo como Helena! – em OCA1994. Em OCA2015, depois deste verso há espaço de separação de estrofes.

¹⁷ Em OCA2015, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁸ fascinação,] frscinação, – em CM (erro tipográfico); muda ansiedade – em RCPB e em BP.

¹⁹ Que pede do poeta o amante coração?] Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade, – em RCPB e BP.

²⁰ Viver, – fundir] Viver – fundir (com travessão, sem vírgula) – em CM, em RCPB e em BP.

²¹ única] nnica – em CM (erro tipográfico); última – em BP.

²² Não reside em outra vida,] Não reside – em outra vida, – em CM, em RCPB e em BP.

²³ Não vem] Nem vem – em CM, em RCPB e em BP.

²⁴ Em RCPB e em BP, falta este verso.

²⁵ Este verso apresenta um encontro vocálico complexo, que apenas com alguma deformação na pronúncia deixaria o verso com as sete sílabas que têm os demais – pronunciado normalmente, ele tem oito sílabas: “U/nir / um / sei/o a / ou/tro / sei/o”. Haveria uma solução fácil: “U/nir / a um / sei/o ou/tro / sei/o) – esta forma, porém, parece retirar do “eu” a iniciativa do abraço, e transferi-la para a amante (o que não parecia fazer sentido, na época do autor). A síncope de vogais no verso – “U/nir / um / sei’ / ou/tro / sei/o” – parece ter o efeito da desejada “fusão” entre os dois amantes, de que fala o poeta.

²⁶ coração,] coração – em BP.

²⁷ Viver um do outro viver...] Viver um do outro viver... – em CM; A mesma vida viver – em RCPB e em BP.

²⁸ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

50 Donde viria a ventura
 Desta vida? Em que jardim
 Colheria esta²⁹ flor pura?
 Em que solitária fonte
 Esta água iria beber?³⁰
 Em que encendido³¹ horizonte
 Podiam³² meus olhos ver
55 Tão meiga, tão viva estrela,³³
 Abrir-se e resplandecer?
 Só em ti: – em ti que és bela,³⁴
 Em ti que a paixão respiras,
 Em ti cujo olhar se embebe
60 Na ilusão de que deliras,
 Em ti, que³⁵ um ósculo de Hebe³⁶
 Teve a singular virtude
 De encher, de animar teus dias,
 De vida e de juventude...³⁷
65 Amemos! diz³⁸ a flor à brisa peregrina,
 Amemos! diz³⁹ a brisa, arfando em torno à flor;
 Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
 De uma fusão do ser,⁴⁰ de uma efusão do amor.⁴¹

²⁹ esta] essa – em OCA2015.

³⁰ Em que solitária fonte / Esta água iria beber?] De que solitária fonte / Iria esta água beber? – em RCPB e em BP; Em que solitária fonte / Essa água iria beber? – em OCA2015.

³¹ encendido] incendiado – em RCPB, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015; incêndio – em BP.

³² Podiam] Poderia – em BP.

³³ estrela,] estrela – em RCPB e em BP.

³⁴ bela,] bela – em CM, em RCPB e em BP.

³⁵ Em ti, que] Em ti que – em CM, em RCPB e em BP.

³⁶ Hebe, filha de Zeus e Hera, tinha o privilégio da eterna juventude, da qual é a personificação.

³⁷ juventude...] juventude.... – em RCPB e em CRIS1864.

³⁸ diz] Diz – em RCPB, em BP e em TPCL.

³⁹ diz] Diz – em TPCL.

⁴⁰ do ser,] de ser, – em RCPB e em BP.

⁴¹ Em CM, ao pé dos versos vêm (no lugar da indicação de autoria) dois asteriscos: “* *”; em RCPB e em BP, abaixo dos versos vem: “Rio de Janeiro, 1864. // MACHADO DE ASSIS.”

II⁴²

70 A minha alma,⁴³ talvez, não é tão pura,⁴⁴
Como era pura nos primeiros dias;
Eu sei:⁴⁵ tive choradas agonias
De que conservo alguma nódoa escura,⁴⁶

75 Talvez. Apenas à manhã da vida
Abri meus olhos virgens e minha alma,⁴⁷
Nunca mais respirei a paz e a calma,
E me perdi na porfiosa lida.

80 Não sei que fogo interno me impelia
À conquista da luz, do amor, do gozo,
Não sei que movimento imperioso
De um desusado ardor minha alma⁴⁸ enchia.

⁴² Esta parte II, antes das edições em livro, apareceu em CM (p. 2, 26 mar. 1864, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Mon pauvre cœur, reprends ton sublime courage / Et me chantes ta joie et ton déchirement. – // A. HOUSSAYE.” Esta epígrafe foi tomada à obra de Arsène Houssaye intitulada “Le cantique des cantiques”, livre III, “L’enfer”. (HOUSSAYE, 1852, p. 35) Arsène Houssaye (1815-1896) foi jornalista, crítico de arte, dramaturgo, romancista e poeta. Ver: <https://data.bnf.fr/fr/11907807/arsene_houssaye/>.

⁴³ A minha alma,] A minh’alma, – em CM.

⁴⁴ pura,] pura. – em PC1937; pura – em PC1953, em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015. Neste verso, a ideia expressa é de dúvida – “talvez” –, o que torna, digamos, irregular, o presente do indicativo do verbo “ser”; a forma esperada seria “fosse” ou “seja”. Leite de Vasconcelos, sobre esses usos “irregulares” de tempos e modos verbais, afirma: “A rima e o metro fazem também que os verbos se empreguem indevidamente em certos modos e tempos, o que tanto acontece na literatura popular, como na culta.” (VASCONCELOS, 1959, p. 374) Parece-nos, ainda, que o emprego do presente do indicativo ocorria até mesmo na prosa de autores clássicos da língua portuguesa, em situações hipotéticas, como nesta passagem de João de Barros (anotada por Machado de Assis e publicada por Mário de Alencar): “– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade *onde quer que está*, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.” (ASSIS, 2021, p. 41 e p. 97; grifo nosso)

⁴⁵ Eu sei:] Eu sei; – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁴⁶ escura,] escura. – em CM e em PC1937.

⁴⁷ minha alma,] minh’alma, – em CM.

⁴⁸ minha alma] minh’alma – em CM.

- Corri de campo em campo e plaga em plaga.⁴⁹
(Tanta ansiedade o coração encerra!)
A ver o lírio que brotasse a terra,⁵⁰
A ver a espuma que cuspiisse – a vaga.
- 85 Mas, no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos⁵¹ meus olhos ávidos fugia...⁵²
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.
- 90 Nada! Volvi⁵³ o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei,⁵⁴ nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.⁵⁵
- 95 Tomei nas mãos a cítara saudosa⁵⁶
E soltei entre lágrimas um canto.⁵⁷
A terra brava recebeu meu pranto
E o eco repetiu-me a voz chorosa.⁵⁸
- Foi em vão. Como⁵⁹ um lânguido suspiro,
A voz se me calou, e do ínvio monte →

⁴⁹ plaga.] plaga – em PC1937; plaga, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL. Devemos observar que o ponto-final existe nas três edições feitas sob as vistas do autor. Decidimos manter a pontuação dessas edições por algumas razões, que damos a seguir. O ponto-final isola o primeiro verso dos seguintes; o período tem sentido completo. Abaixo dele, há uma expressão intercalada, exclamativa, que dá ideia da força emotiva para a qual o poeta buscava expressão. A introdução de uma vírgula aí vincularia os versos terceiro e quarto diretamente ao primeiro – conferindo-lhe uma “lógica” que ele não tem em si mesmo. O poeta corria pelos campos e plagas movido pelo desatino amoroso – não à procura de lírios ou da espuma das ondas. Julgamos ver nesta pontuação valor expressivo; está aí a diferença que vai do poeta aos gramáticos. Reconhecemos, entretanto, que pode até ser que, se vivesse ainda o autor, ele desse razão aos gramáticos...

⁵⁰ a terra,] à terra, – em PC1937.

⁵¹ aos] ao – em OCA1959.

⁵² fugia...] fugia.... – em CM; fugia..... – em CRIS1864.

⁵³ Volvi] Voltei – em CM.

⁵⁴ E contemplei,] E contemplei. – em PC1901 (erro tipográfico).

⁵⁵ sublime.] sublime! – em CM.

⁵⁶ saudosa] saudosa, – em CM e em CRIS1864.

⁵⁷ canto.] canto... – em CM e em CRIS1864.

⁵⁸ chorosa.] chorosa.... – em CM.

⁵⁹ Esse “Como” talvez seja “Com”. Nenhum editor ousou corrigir a passagem, e ela não está corrigida em erratas. Um “lânguido suspiro” não nos parece um bom símile para o “silêncio” da voz que se calou; afinal, o suspiro é ainda algo que soa. Além disso, as erratas machadianas costumavam deixar passar muitos erros – veja-se, por exemplo, a da primeira edição de *Crisálidas* (1864) e, também, a das *Poesias completas*, que não corrigem o verso n. 108 deste poema, onde se deve ler “fui” no lugar de “foi”. Ocorre duas vezes nesta estrofe a palavra “como” – no primeiro e no quarto versos. A prevalecer o primeiro “como”, as informações auditivas estariam separadas das visuais (apenas a estas diria respeito o segundo “como”). Se no lugar do primeiro “como” lêssemos “com”, os três primeiros versos da estrofe comporiam uma totalidade que entraria em relação com o último verso através do “como” que o inicia. Parece-nos mais provável esta segunda hipótese.

100 Olhei ainda as linhas do horizonte,
Como se olhasse o último retiro.

Nuvem negra e veloz corria solta⁶⁰
O anjo da tempestade anunciando;
Vi ao longe as alcíones cantando
Doidas⁶¹ correndo à flor da água revolta.

105 Desiludido, exausto, ermo, perdido,
Busquei a triste estância do abandono,
E esperei,⁶² aguardando o último sono,
Volver à terra, de que fui⁶³ nascido.

– “Ó Cibele⁶⁴ fecunda, é no remanso
110 Do teu seio – que⁶⁵ vive a criatura,⁶⁶
Chamem-te outros morada triste e escura,
Chamo-te glória, chamo-te descanso!”⁶⁷

Assim falei. E murmurando aos ventos
Uma blasfêmia atroz – estreito abraço
115 Homem e terra uniu,⁶⁸ e em longo espaço
Aos ecos repeti meus vãos lamentos.⁶⁹

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
120 Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Com⁷⁰ um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
Ergui-me logo do chão,⁷¹
125 E pousei meus olhos fundos →

⁶⁰ solta] solta, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁶¹ Doidas] Doudas – em PC1937.

⁶² E esperei,] Esperei, – em PCEC1976 e em TPCL.

⁶³ fui] foi – em CRIS1864 (erro não corrigido na errata), em PC1901 (erro não corrigido na errata), em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em PCRR.

⁶⁴ – “Ó Cibele] “Ó Cibele (sem o travessão) – em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁵ seio – que] seio que – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁶ criatura,] criatura; – em CM, em CRIS1864, em OCA1959 e em OCA1994; criatura. – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁶⁷ descanso!]” descanso!” – (com travessão depois das aspas) – em CM.

⁶⁸ uniu,] uniu – em CM.

⁶⁹ Em CM, entre esta estrofe e a seguinte há três asteriscos, dispostos em forma de triângulo (* * *).

⁷⁰ Com] Como – em CM, em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. É possível que “como” seja a solução correta; entretanto, “com” também faz sentido – e o autor não corrigiu a passagem na errata. Embora as erratas machadianas sejam notavelmente incompletas (ver nota 58), acatamos a lição do texto-base nesta edição.

⁷¹ chão,] chão – em CM.

Em teus olhos soberanos,
Ardentes, vivos, profundos,
Como os olhos da beleza
Que das escumas nasceu...⁷²
130 Eras tu, maga visão⁷³
Eras tu o ideal sonhado
Que em toda a parte busquei,
E por quem houvera dado
A vida que fatiguei;
135 Por quem verti tanto pranto,
Por quem nos longos espinhos
Minhas mãos, meus pés sangrei!⁷⁴

Mas⁷⁵ se minh'alma, acaso, é menos pura⁷⁶
Do que era pura nos primeiros dias,⁷⁷
140 Porque⁷⁸ não soube em tantas agonias
Abençoar a minha desventura;

Se a blasfêmia os meus lábios poluíra,
Quando, depois de⁷⁹ tempo e do cansaço,
Beije a terra no mortal abraço
145 E espedacei desanimado⁸⁰ a lira;

Podes, visão formosa e peregrina,
No amor profundo, na existência calma,
Desse passado resgatar minh'alma
E levantar-me aos olhos teus, – Corina!⁸¹

⁷² nasceu...] nasceu.... – em CM. A beleza “que das escumas nasceu” é Vênus. Ver verso n. 203.

⁷³ visão] visão, – em CM, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁷⁴ Em CM, entre esta estrofe e a seguinte há três asteriscos, dispostos em forma de triângulo (**).

⁷⁵ Mas] Mas, – em CM.

⁷⁶ Ver nota 44.

⁷⁷ dias,] dias. – em PC1937.

⁷⁸ Porque] Por que – em OCA1959 e em OCA1994.

⁷⁹ de] do – em CM e em CRIS1864.

⁸⁰ desanimado] desesperado – em CM.

⁸¹ teus, – Corina!] teus. – Corina! – em PC1937. Em CM, ao pé dos versos vêm (no lugar da indicação de autoria) dois asteriscos: “**” (sob o ponto de exclamação); e, na linha abaixo, à esquerda: “Rio de Janeiro.”

III⁸²

150 Quando voarem minhas esperanças⁸³
Como um bando de pombas fugitivas;
E destas⁸⁴ ilusões doces e vivas
Só me restarem pálidas lembranças;

E abandonar-me a minha mãe Quimera,
155 Que me aleitou aos seios abundantes;
E vierem as nuvens flamejantes
Encher o céu da minha primavera;

E raiar para mim um triste dia,
Em que, por completar minha tristeza,
160 Nem possa ver-te, musa da beleza,⁸⁵
Nem possa ouvir-te, musa da harmonia;

Quando assim seja, por teus olhos juro,
Voto minh'alma à escura⁸⁶ soledade,
Sem procurar melhor felicidade,
165 E sem ambicionar prazer mais puro,⁸⁷

Como o viajor⁸⁸ que, da falaz miragem⁸⁹
Volta desenganado ao lar tranquilo,⁹⁰
E procura, naquele último asilo,
Nem evocar memórias da viagem;⁹¹

⁸² Esta parte III, antes das edições em livro, apareceu em CM (p. 2, 2 abr. 1864), na seção “Variedades.”, sob o título “VERSOS A CORINA.” (sem indicação numérica da parte e sem epígrafe). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Se tu pudesses viver um dia na mi- / nh'alma.... feliz criatura, tu saberias / o que é sofrer! // Mickiewicz. – *Sonetos da Crimeia*.” O nome do poeta vem grafado “Miçkiewicz”. Ver nota n. 2 ao poema “Polônia”.

⁸³ esperanças] esperanças, – em CM e em CRIS1864.

⁸⁴ destas] dessas – em OCA2015.

⁸⁵ beleza,] beleza. – em PC1901 (erro tipográfico), em PCRR e em OCA2015.

⁸⁶ à escura] à escusa – em CM; é escura – em PC1937.

⁸⁷ puro,] puro. – em CM, em CRIS1864, em PCEC1976 e em TPCL.

⁸⁸ viajor] viajor, – em CM.

⁸⁹ miragem] miragem, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁹⁰ tranquilo,] tranquilo – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁹¹ viagem;] viagem, – em PC1937 e em PC1953.

- 170 Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados
 A tudo mais, – a minha fantasia⁹²
 As asas colherá com que algum dia
 Quis alcançar os cimos elevados.
- 175 És⁹³ tu a maior glória de minha alma,⁹⁴
 Se o meu amor profundo não te alcança,
 De que me servirá outra esperança?
 Que glória tirarei de alheia palma?⁹⁵

⁹² mais, – a minha fantasia] mais, a minha fantasia – em CM.

⁹³ És] Es – em PC1901 (erro tipográfico).

⁹⁴ alma,] alma; – em CM.

⁹⁵ Em CM e em CRIS1864, depois deste verso, vem o restante da parte III (suprimido pelo poeta na edição das *Poesias completas*, em 1901), antecedido por três asteriscos dispostos em forma triangular (* * *), composto por 22 versos alexandrinos rimados aos pares e uma quadra final em versos decassílabos, com esquema de rimas abba. A quadra final também vem separada dos alexandrinos por três asteriscos dispostos em forma triangular (* * *). Em CM, abaixo dos versos vêm, no lugar do nome do autor, dois asteriscos: “* *”. Este último verso parece não fazer sentido, pela referência à “alheia palma” (que fica, digamos, “obscura”), sem os versos suprimidos do poema. Esses versos encontram-se editados no v. 3, n. 5 da *Machadiana Eletrônica*, às páginas 53 (seção Textos Apurados) e 127-130 (seção Textos com Aparato Editorial). O texto estabelecido do fragmento suprimido é o seguinte: “Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, / É esta que nos orna a poesia da história; / É a glória do céu, é a glória do amor. / É Tasso eternizando a princesa Leonor; / É Lídia ornando a lira ao venusino Horácio; / É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio, / Seguindo além da vida as viagens do Dante; / É do cantor do Gama o hino triste e amante / Levando à eternidade o amor de Catarina; / É o amor que une Ovídio à formosa Corina; / O de Cíntia a Propércio, o de Lésbia a Catulo; / O da divina Délia ao divino Tibulo. / Esta a glória que fica, eleva, honra e consola; / Outra não há melhor. | Se faltar esta esmola, / Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão, / Com que se alenta e vive o amante coração, / Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo, / Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo. / Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres, / Viver na solidão a vida de outros seres, / Vegetar como o arbusto, e murchar, como a flor, / Como um corpo sem alma ou alma sem amor. / * * / Ah! faze que estas ilusões tão vivas / Nunca se tornem pálidas lembranças; / E nem voem as minhas esperanças / Como um bando de pombas fugitivas!” Em PC1953, há, neste ponto, uma nota assinalada, ao final do verso e no rodapé, por asterisco entre parênteses, que diz o seguinte: “Ver nota no fim das *Crisálidas*.”; nas páginas 103-104 vem a nota, com o trecho suprimido pelo poeta (incompleto, falta-lhe a quadra decassilábica final). Em OCA1959, os versos faltantes, incompletos (falta a quadra decassilábica final), vêm na página 219 do volume III (sem que haja remissão a eles neste ponto dos “Versos a Corina”). Em PCEC1976, o trecho suprimido (sem a divisão em estrofes) pelo poeta vem no rodapé da mesma página em que está este verso. Em OCA1994, o trecho suprimido, incompleto (sem a quadra decassilábica final), vem na página 206 do volume III (sem que haja remissão a ele neste ponto dos “Versos a Corina”). Em PCRR, os versos suprimidos pelo poeta vêm no rodapé da página em que vem este verso, com a devida divisão em estrofes. Em OCA2015, esses mesmos versos, sem a quadra decassilábica final, vêm na p. 627 do volume 3 (sem que haja remissão a eles neste ponto dos “Versos a Corina”).

IV⁹⁶

Tu que és bela e feliz, tu que tens⁹⁷ por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
180 E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;⁹⁸

Tu que, como a ilusão, entre névoas⁹⁹ deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
185 Do poeta e da luz, das selvas e do mar.

AS BRISAS

Deu-nos a harpa eólia a excelsa melodia
Que a folhagem desperta e torna alegre a flor,¹⁰⁰
Mas que vale esta voz,¹⁰¹ ó musa da harmonia,
Ao pé da tua voz, filha da harpa do amor?
190 Diz-nos tu como houveste as notas do teu canto?
Que alma de serafim volteia aos lábios teus?¹⁰² →

⁹⁶ Esta parte IV, antes das edições em livro, apareceu em DRJ (ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864), sob o título “Versos a Corina.” (sem indicação numérica da parte e sem epígrafe). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Ne vois-tu pas? / A. M.” O nome do autor da epígrafe não está identificado. Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso, que estudou as epígrafes na poesia de Machado de Assis, aventou diversas possibilidades. Depois de lê-la, nossa intuição tende a ver nessa epígrafe uma reminiscência de Alfred de Musset, autor dileto de Machado de Assis. (Cf. MIASSO, 2017, p. 186-188) As palavras da epígrafe aparecem, por exemplo, no poema “La nuit d’octobre”, nos seguintes versos: “ Ne vois-tu pas alors, aux rayons de la lune, / Plier comme autrefois un beau corps dans tes bras?” (MUSSET, 1923, p. 156). Machado de Assis possuía um volume das *Poésies nouvelles* (edição de 1867) em sua biblioteca – edição posterior à publicação de *Crisálidas*.

⁹⁷ tens] teus – em PC1901 (corrigido na errata).

⁹⁸ Em DRJ e em CRIS1864, entre esta estrofe e a seguinte, há esta outra: “Tu, criação feliz de um dia de pureza, / Em que a terra não teve um só pecado, irmã / Das visões que sonhou no culto da beleza / A musa de Petrarca e o pincel de Rembrandt;”. Em DRJ não há a vírgula ao final do primeiro verso, e em CRIS1864 Rembrandt vem grafado Rembrant.

⁹⁹ névoas] névoas, – em DRJ.

¹⁰⁰ flor,] flor; – em DRJ.

¹⁰¹ esta voz,] essa voz, – em PCRR e em OCA2015. .

¹⁰² Que alma de serafim volteia aos lábios teus? – Que alma de serafim volteia aos lábios teus? (com travessão no início) – em PCEC1976 e em TPCL.

Donde houveste o segredo e o poderoso encanto
Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?¹⁰³

A LUZ

195 Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;¹⁰⁴
Sou o vivo alimento à viva criação.
Deus lançou-me no espaço. A minha realeza
Vai até onde vai meu vívido clarão.

200 Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,¹⁰⁵
Que sou eu ante a luz dos teus olhos? Melhor,
A tua é mais do céu, mais doce, mais profunda,¹⁰⁶
Se a vida vem de mim, tu dás a vida e o amor.

AS ÁGUAS

205 Do nume da beleza o berço celebrado
Foi o mar;¹⁰⁷ Vênus bela entre espumas nasceu.
Veio a idade de ferro,¹⁰⁸ e o nume venerado
Do venerado altar baqueou: – pereceu.

Mas a beleza és tu. Como Vênus marinha,¹⁰⁹
Tens a inefável graça e o inefável ardor.¹¹⁰
Se paras, és um nume; andas, uma rainha,¹¹¹
E se quebras um olhar, és tudo isso e és amor!¹¹²

210 Chamam-te as águas, vem! tu irás sobre a vaga¹¹³
A vaga, a tua mãe, que te abre os seios nus,¹¹⁴ →

¹⁰³ Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?] Que abre os ouvidos mortais a harmonia dos céus? – em PC1937; Que abre ouvidos mortais à harmonia dos céus? – em PC1953.

¹⁰⁴ natureza;] natureza: – em DRJ.

¹⁰⁵ Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,] Mas se derramo vida a Cibele fecunda – em DRJ; Mas se derramo vida a Cibele fecunda, – em CRIS1864; Mas, se derramo vida à Cibele fecunda, – em PC1937.

¹⁰⁶ profunda,] profunda: – em DRJ; profunda. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁰⁷ mar;] mar. – em DRJ e em CRIS1864.

¹⁰⁸ de ferro,] de ferro – em DRJ; do ferro, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰⁹ Vênus marinha,] Vênus marinha. – em OCA1959.

¹¹⁰ ardor.] ardor – em OCA1959 (com defeito de impressão no exemplar consultado).

¹¹¹ rainha,] rainha; – em DRJ; rainha. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹² amor!] amor – em PC1901 (erro tipográfico); amor. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. Seguimos a lição de CRIS1864.

¹¹³ vaga] vaga, – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL; vaga. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹⁴ nus,] nus. – em OCA1959.

Buscar adorações de uma plaga a outra plaga,¹¹⁵
E das regiões da névoa às regiões da luz!

AS SELVAS

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.¹¹⁶
215 Já não pisa Diana este sagrado chão;
Nem já vem repousar no leito destas relvas¹¹⁷
Aguardando saudosa o amor e Endimião.¹¹⁸

Da grande caçadora a um solícito aceno
Já não vem, não acode o grupo jovial;
220 Nem o eco repete a flauta de Sileno,¹¹⁹
Após o grande ruído¹²⁰ a mudez sepulcral.

Mas Diana aparece. A floresta palpita,
Uma seiva melhor circula mais veloz;¹²¹
É vida que renasce, é vida que se agita;¹²²
225 À luz¹²³ do teu olhar, ao som da tua voz!¹²⁴

O POETA

Também eu, sonhador, que vi correr meus dias
Na solene mudez¹²⁵ da grande solidão,
E soltei, enterrando as minhas utopias,
O último suspiro e a última oração;
230 Também eu junto a voz à voz da natureza,¹²⁶
E soltando o meu hino¹²⁷ ardente e triunfal,
Beijarei ajoelhado as plantas da beleza¹²⁸
E banharei minh'alma em tua luz, – Ideal!

¹¹⁵ plaga,] plaga. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹⁶ selvas.] selvas; – em DRJ; selvas, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹¹⁷ relvas] relvas, – em DRJ.

¹¹⁸ e Endimião.] de Endimião. – em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

¹¹⁹ Sileno,] Sileno; – em DRJ.

¹²⁰ ruído] ruído, – em DRJ.

¹²¹ veloz;] veloz: – em DRJ.

¹²² agita;] agita, – em DRJ.

¹²³ À luz] A luz – em PC1901(erro tipográfico) e em PC1937.

¹²⁴ da tua voz!] de tua voz! – em DRJ.

¹²⁵ mudez] mudes – em TPCL.

¹²⁶ Também eu junto a voz à voz da natureza,] Também eu junto à voz da natureza, – em OCA1994.

¹²⁷ E soltando o meu hino] E, soltando meu hino – em DRJ.

¹²⁸ beleza] beleza, – em DRJ, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

235 Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
Tua alma de mulher deve de palpar;
Mas que te não seduza o cântico das águas,
Não procures, Corina, o caminho do mar!¹²⁹

¹²⁹ Em DRJ, abaixo dos versos vem a data “9 de Abril.”, e, uma linha abaixo, vêm, no lugar do nome do autor, dois asteriscos: “* *”.

V¹³⁰

240 Guarda estes versos que escrevi chorando¹³¹
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,¹³²
Beija estes versos que escrevi chorando.

245 Único¹³³ em meio das paixões vulgares,
Fui¹³⁴ a teus pés queimar minh'alma ansiosa,
Como se queima o óleo¹³⁵ ante os altares;
Tive a paixão indômita e ferosa,
Única¹³⁶ em meio das paixões vulgares.

250 Cheio de amor,¹³⁷ vazio de esperança,
Dei para ti os meus primeiros passos;
Minha ilusão fez-me, talvez, criança;¹³⁸
E eu pretendi dormir aos teus abraços,
Cheio de amor, vazio de esperança.¹³⁹

¹³⁰ Esta parte V, antes das edições em livro, apareceu em DRJ (ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864), sob o título “Versos a Corina.”, na seção “VARIEDADE.” (sem indicação numérica da parte), com a seguinte epígrafe: “Povero mio cuore! Ecco una se- / parazione di piú nella mia sciagurata vita. // (SILVIO PELLICO).” (“cuore” vem grafado “core”) Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem a epígrafe: “Povero mio cuore! Ecco una separazione / di piú nella mia sciagurata vita! // SILVIO PELLICO.” (“cuore” vem grafado “core”; e “sciagurata”, “scigurata”). Adotamos a grafia da obra italiana consultada. Machado de Assis parece ter combinado duas passagens da obra *Le mie prigione*, de Silvio Pellico: “Povero mio cuore!” – que vem no início do capítulo IX – e “Ecco una separazione di piú nella mia sciagurata vita.” – que vem no terceiro parágrafo do capítulo XVIII. (PELLICO, 1860, p. 6 e p. 11)

¹³¹ chorando] chorando, – em DRJ, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹³² saudade,] saudade – em DRJ.

¹³³ Único] Único, – em DRJ.

¹³⁴ Fui] Quis – em DRJ.

¹³⁵ o óleo] um óleo – em DRJ.

¹³⁶ Única] Único, – em DRJ.

¹³⁷ Cheio de amor,] Cheio de Deus, – em DRJ.

¹³⁸ Minha ilusão fez-me, talvez, criança;] O meu amor fez-me, talvez, criança; – em DRJ; Minha ilusão fez-me, talvez criança; – em PC1937.

¹³⁹ Cheio de amor, vazio de esperança.] Cheio de Deus, vazio de esperança. – em DRJ; Cheio de amor, vazio de esperança, – em PC1937.

- Refugiado à sombra do mistério¹⁴⁰
Pude cantar meu hino doloroso;
255 E o mundo ouviu o som doce ou funéreo¹⁴¹
Sem conhecer o coração ansioso¹⁴²
Refugiado à sombra do mistério.
- Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
Vejo que em teus olhares de princesa
260 Transluz uma alma ardente e compassiva¹⁴³
Capaz de reanimar minha incerteza;
Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
- Como um réu indefeso e abandonado,
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
265 E se a perseguição me tem cansado,¹⁴⁴
Embora, escutarei o teu aresto,¹⁴⁵
Como um réu indefeso e abandonado.¹⁴⁶
- Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
270 Acercar-se de ti¹⁴⁷ lá onde existes;
Ouvirás minha lira apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.¹⁴⁸
- Talvez um dia meu amor se extinga,
Como fogo de Vesta mal cuidado¹⁴⁹
275 Que sem o zelo da Vestal¹⁵⁰ não vinga; →

¹⁴⁰ mistério] mistério, – em DRJ.

¹⁴¹ funéreo] funéreo, – em DRJ.

¹⁴² ansioso] ansioso, – em DRJ.

¹⁴³ Transluz uma alma ardente e compassiva] Transluz uma alma ardente e compassiva, – em DRJ; Tranluz uma alma ardente e compassiva – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁴⁴ E se a perseguição me tem cansado,] E, se a perseguição me tem cansado, – em DRJ; E se a perseguição me tem cansado. – em PC1901 (erro tipográfico).

¹⁴⁵ aresto,] aresto – em CRIS1864.

¹⁴⁶ abandonado.] abandonado, – em OCA1959e em OCA1994.

¹⁴⁷ de ti] de ti, – em DRJ.

¹⁴⁸ tristes.] tristes, – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁴⁹ Como fogo de Vesta mal cuidado] Como fogo de Vesta mal cuidado, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL; Como fogo de Vesta malcuidado – em PCRR e em OCA2015. O VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa registra o adjetivo “malcuidado”. Este verso impõe uma reflexão sobre a atualização ortográfica da expressão “mal cuidado”. Na condição de adjetivo, “malcuidado” se junta a “fogo”, restringindo-lhe a significação, aplicando-lhe uma noção que tem um quê de estático, e, ainda que transitória, com certa duração (sem alteração ou modificação notável). O advérbio “mal”, vinculado ao particípio “cuidado”, preserva algo do aspecto verbal, seu componente dinâmico (neste caso, frequentativo) – faz lembrar a faina incessante necessária à manutenção do fogo no templo. Esta segunda noção parece-nos a mais adequada ao sentido do verso.

¹⁵⁰ Vestal] vestal – em DRJ.

Na ausência e no silêncio condenado¹⁵¹
Talvez um dia meu amor se extinga.¹⁵²

Então não busques reavivar a chama,¹⁵³
Evoca apenas a lembrança casta
280 Do fundo amor daquele que não ama;
Esta consolação apenas basta;¹⁵⁴
Então não busques reavivar a chama.¹⁵⁵

Guarda estes versos que escrevi chorando,¹⁵⁶
Como um alívio à minha soledade,
285 Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.¹⁵⁷

¹⁵¹ condenado] condenado, – em DRJ.

¹⁵² extinga.] extinga, – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁵³ Então não busques reavivar a chama.] Então, não busques reavivar a chama. – em DRJ; Então não busques reavivar a chama; – em CRIS1864, em PCEC1976 e em TPCL; Então não busques reavivar a chama. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁵⁴ Esta consolação apenas basta;] Essa consolação apenas basta. – em DRJ.

¹⁵⁵ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁵⁶ chorando,] chorando – em DRJ e em CRIS1864.

¹⁵⁷ Em DRJ, abaixo dos versos vem o nome do autor: “MACHADO DE ASSIS.”

VI¹⁵⁸

Em vão! Contrário a amor é nada¹⁵⁹ o esforço humano;
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.¹⁶⁰
290 Solta do chão, abrindo as asas luminosas,¹⁶¹
Minh'alma se ergue e voa às regiões venturosas,
Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,¹⁶²
Reveste a natureza a púrpura divina!

Lá, como quando volta a primavera em flor,
295 Tudo sorri de luz, tudo sorri de amor;
Ao influxo celeste e doce da beleza,¹⁶³
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;
Mais lânguida e mais bela,¹⁶⁴ a tarde pensativa →

¹⁵⁸ Em CRIS1864, entre o algarismo (indicador numérico da parte) e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “O amor tem asas, mas ele também / pode dá-las. // HOMERO.” Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso não localizou a fonte da epígrafe (MIASSO, 2017, p. 200-201); tampouco nós o conseguimos. Embora o autor afirme que esta sexta parte do poema era inédita (ver nota não numerada, assinalada por asterisco, ao título do poema, nesta edição), na verdade ela havia sido publicada. Não consultamos a publicação feita no Porto (por desconhecida) nem a do *Diário Oficial* de 18 de setembro de 1864 (que não localizamos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional). Sobre esta última publicação, diz J. Galante de Sousa: “(*Diário Oficial*, Rio, 18-9-1864, inserta na *Correspondência sobre novidades úteis*, trabalho assinado por Júlio de Castilho, e datado de 10-8-1864). Está datada de: *Rio de Janeiro, junho de 1864*. Diz o correspondente que esses versos foram inéditos para Portugal e que uma folha do Porto os publicou; julga útil transcrevê-los, pois devem ser desconhecidos no Brasil.” (GALANTE, 1955, p. 383) A “Introdução crítico-filológica de PCEC1976 (p. 64) informa não ter sido possível identificar e consultar o jornal do Porto em que esta parte do poema foi publicada. Em PCEC1976 (p. 64), vem transcrita esta epígrafe, que acompanhava esta parte do poema no *Diário Oficial*: “VERSOS A CORINA / Se tu pudesses viver um dia na minh'alma... um dia inteiro... não... não te desejo esse tormento... mas, uma hora só... feliz criatura, então, sim, tu saberias o que é sofrer! / *Mickiewicz*.” O editor-crítico anota que, com algumas elisões, esta é a mesma epígrafe da parte III, em CRIS1864. Entenda-se: é na epígrafe da parte III que há “elisões”.

¹⁵⁹ a amor é nada] a amor é nulo – em CRIS1864; o amor é nada – em PC1937.

¹⁶⁰ É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.] É nulo o vasto espaço, é nulo o vasto oceano. – em CRIS1864.

¹⁶¹ luminosas,] luminosas. – em PC1901 (erro tipográfico), em PC1937, em PCRR e em OCA2015.

¹⁶² Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,] Onde, ao teu brando olhar, ó formosa Corina, – em PCEC e TPCL. Em OCA1994, depois deste verso, há espaço de separação de estrofes, de modo que o último verso desta estrofe foi incorporado à seguinte.

¹⁶³ beleza,] beleza. – em PC1937.

¹⁶⁴ bela,] bela – em CRIS1864.

- Desce do monte ao vale; e a viração lasciva
300 Vai despertar à noite a melodia estranha
Que falam entre si os olmos da montanha;
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;
A onda enamorada arfa e beija as areias,
305 Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!
- O esplendor da beleza é¹⁶⁵ raio criador:
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.¹⁶⁶
- Mas vê. Se o que te cerca é uma festa de vida,
Eu, tão longe de ti, sinto a dor mal sofrida¹⁶⁷
310 Da saudade que punge e do amor que lacera¹⁶⁸
E palpita e soluça e sangra e desespera.
Sinto em torno de mim a muda natureza
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza;¹⁶⁹
A saudade do bem e a tristeza do mal;
315 Tristeza sem irmã, saudade sem igual.¹⁷⁰
É deste ermo que eu vou, alma desventurada,
Murmurar junto a ti a estrofe imaculada
Do amor que não perdeu, coa última esperança¹⁷¹
Nem o intenso fervor, nem a intensa lembrança.
- 320 Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,
Do meu sombrio céu alva¹⁷² estrela bem-vinda!¹⁷³
Como divaga a abelha inquieta e sequiosa
Do cálice do lírio ao cálice da rosa,
Divaguei de alma em alma em busca deste amor;
325 Gota de mel divino, era divina a flor
Que o devia conter. Eras tu.
- No delírio
De te amar – olvidei as lutas e o martírio; →

¹⁶⁵ é] e – em PC1937.

¹⁶⁶ Em PC1901, este verso vem ao pé da página; em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em OCA1994, não há espaço de separação de estrofes entre ele e o verso seguinte. Seguimos CRIS1864, em que há separação das estrofes.

¹⁶⁷ Aplicam-se a este caso (que tem duas possibilidades gráficas: “malsofrida” e “mal sofrida”) as reflexões feitas na nota 147. A grafia “mal sofrida” preserva e destaca o aspecto durativo do verbo “sofrer”.

¹⁶⁸ lacera] lacera, – em CRIS1864, em PCRR e em OCA2015.

¹⁶⁹ Em PC1901, em PC1937, em PC1953 em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015 faltam os dois versos seguintes (n. 314 e n. 315 nesta edição), que vêm em CRIS1864 (ao pé da página); queremos crer que houve falha na edição de 1901 – razão pela qual os restauramos.

¹⁷⁰ Em CRIS1864, os quatro versos seguintes vêm em alto de página. Há dúvida, portanto, quanto à possibilidade de divisão de estrofes neste ponto.

¹⁷¹ esperança] esperança, – em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁷² alva] alma – em OCA1994.

¹⁷³ bem-vinda!] benvinda! – em PCEC1976.

Eras tu. Eu só quis, numa ventura calma,
Sentir e ver o amor através de uma alma;
330 De outras belezas vãs não valeu o esplendor,
A beleza eras tu: – tinhas a alma e o amor.¹⁷⁴

Pelicano do amor, dilacerei meu peito,
E com meu próprio sangue os filhos meus¹⁷⁵ aleito;
Meus filhos:¹⁷⁶ o desejo, a quimera, a esperança;
335 Por eles reparti minh'alma. Na provança
Ele¹⁷⁷ não fraqueou, antes surgiu mais forte;
É que¹⁷⁸ eu pus neste amor, neste último transporte,¹⁷⁹
Tudo o que vivifica a minha juventude:
O culto da verdade e o culto da virtude,
340 A vênua do passado e a ambição do futuro,
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.

Deste profundo amor, doce e amada Corina,
Acorda-te a lembrança um eco de aflição?
Minh'alma pena e chora à dor que a desatina:
345 Sente tua alma¹⁸⁰ acaso a mesma comoção?

Em vão! Contrário a amor é nada¹⁸¹ o esforço humano,
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!¹⁸²

Vou, sequioso espírito,
Cobrando novo alento,
350 N'asa veloz do vento
Correr de mar em¹⁸³ mar;
Posso, fugindo ao cárcere,
Que à terra me tem preso,
Em novo ardor aceso,
355 Voar, voar, voar!

Então, se à hora lânguida
Da tarde que declina, →

¹⁷⁴ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁷⁵ meus] meu – em TPCL.

¹⁷⁶ Meus filhos:] Meus filhos; – em PC1937.

¹⁷⁷ Ele] Ela – em CRIS1864. O pronome pode referir-se a “alma” (que é substantivo feminino), mas pode, também, referir-se a “peito” (masculino). Seguimos a lição do texto-base.

¹⁷⁸ É que] Porque – em PC1937 e em PC1953.

¹⁷⁹ transporte,] transporte – em CRIS1864; transporte. – em PC1901 (erro tipográfico).

¹⁸⁰ tua alma] tu'alma – em CRIS1864.

¹⁸¹ nada] nulo – em CRIS1864.

¹⁸² É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!] É nulo o vasto espaço, é nulo o vasto oceano! – em CRIS1864.

¹⁸³ em] en – em PC1901 (erro tipográfico).

- 360 Do arbusto da colina
Beijando a folha e a flor,
A brisa melancólica
Levar-te entre perfumes
Uns tímidos queixumes
Ecos de mágoa e dor;
- 365 Então, se o arroio tímido
Que passa e que murmura¹⁸⁴
À sombra da espessura
Dos verdes salgueirais,¹⁸⁵
Mandar-te entre os murmúrios
Que solta nos seus giros,
370 Uns como que suspiros
De amor,¹⁸⁶ uns ternos ais;
- 375 Então, se no silêncio
Da noite adormecida,
Sentires – mal dormida –¹⁸⁷
Em sonho ou em visão,
Um beijo em tuas pálpebras,
Um nome aos teus ouvidos,
E ao som de uns ais partidos
Pulsar teu coração;
- 380 Da mágoa que consome
O meu amor venceu;
Não tremas: – é teu nome,
Não fujas – que sou eu! –¹⁸⁸

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

BP – *Brasil-Portugal*.

CM – *Correio Mercantil*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

¹⁸⁴ Que passa e que murmura] Que arrasta-se e murmura – em CRIS1864.

¹⁸⁵ salgueirais,] salgueirais. – em PC1901 (erro tipográfico) e em PCRR.

¹⁸⁶ De amor,] D’amor, – em CRIS1864.

¹⁸⁷ – mal dormida –] – mal dormida (sem o travessão ao final do verso) – em PCEC1976 e em TPCL. Como nos casos de “mal cuidado” (nota 147) e “mal sofrida” (nota 165), em nosso entendimento se a expressão for entendida como adjetiva (neste caso deveria ser grafada “maldormida”) só se aplicaria após a noite em que se não dormiu bem. Nestes versos, a noite ainda não terminou – o processo de “mal dormir” encontra-se em andamento (o que só uma forma verbal expressaria com adequação).

¹⁸⁸ Não fujas – que sou eu! –] Não fujas – que sou eu! (sem o travessão final) – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL. Em CRIS1864, abaixo dos versos, vêm estas palavras: “FIM DOS VERSOS A CORINA.”

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova*. Livorno: Paolo Vannini, 1843.
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 21 mar. 1864. [parte I do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 mar. 1864. [parte II do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 abr. 1864. [parte III do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864. [parte IV do poema]
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864. [parte V do poema]
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Lisboa, v. V, p. 256-258, ago. 1864. [parte I do poema] Disponível em: <<https://rb.gy/rxfhkd>>.
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Brasil-Portugal*, Lisboa, n. 46, p. 346, 16 dez. 1900. [parte I do poema] Disponível em: <<https://rb.gy/hnorlk>>.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. [Notas de leitura]. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 7, p. 35-42 e p. 79-103, jan.-jun. 2001.

BRIZEUX, Auguste. *Œuvres complètes*. Précédés d'une notice par Saint-René Taillandier. Tome second. Paris: Michel Lévy Frères, 1860.

HOUSSAYE, Arsène. Le cantique des cantiques. In: *Poésies complètes*. Nouvelle édition diminuée et augmentée. Paris: Victor Lecou, 1852. p. 10-35.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, ano VI, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

MUSSET, Alfred de. *Poésies nouvelles 1833-1852*: Rolla – Les nuits – Contes en vers. Paris: Louis Conard, 1923.

PELLICO, Silvio. *Opere complete di Silvio Pellico*. Volume unico. Napoli: Fr^o Rossi Romano, 1860.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Terceira edição comemorativa do centenário do nascimento do autor. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.